



VENICE CARNIVAL MUSEUM

Bem-vindos ao Venice Carnival Museum!

O Venice Carnival Museum é inteiramente dedicado ao imaginário artístico e ao patrimônio cultural do Carnaval de Veneza. A exposição abrange um período cronológico entre os séculos XVII e XX, propondo uma leitura artística e cultural do Carnaval entendido como um fenômeno estético e social.

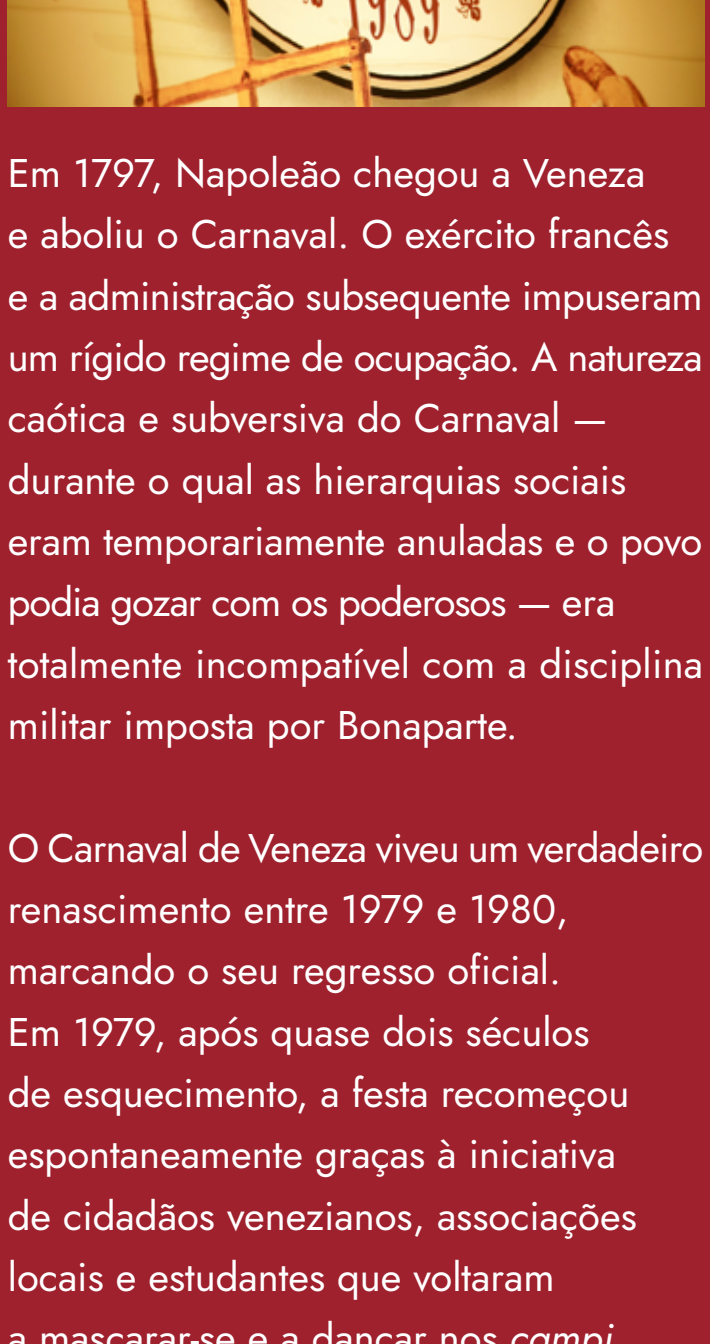
O museu nasce da coleção privada de Arnold Uvarov, que durante muitos anos reuniu obras inspiradas no Carnaval e na Commedia dell'Arte com o objetivo de não só trazer à luz artefactos venezianos dispersos, mas também de mostrar quão profundamente o Carnaval de Veneza influenciou — e continua a influenciar — os maiores protagonistas da história da arte.

O Carnaval de Veneza tem origens muito antigas. O termo “carnaval” apareceu pela primeira vez num documento do Doge Vitale Falier de 1094, em referência a um período de divertimentos públicos. Em 1296, tornou-se uma festividade oficial graças a um decreto do Senado da Sereníssima que declarava feriado o dia anterior à Quaresma, a Terça-feira de Carnaval.

O Carnaval de Veneza servia como uma válvula de escape para os cidadãos: as divisões sociais desapareciam atrás das máscaras, permitindo que cada pessoa se expressasse livremente e criticasse as autoridades sem sofrer repercussões. As celebrações carnavalescas incluíam danças, representações teatrais, exibições musicais, espetáculos acrobáticos, desfiles e cortejos.

SALA I

“A história começa aqui”



A primeira sala é um espaço que encarna a alma histórica e teatral de Veneza, onde a arte, a história e a tradição confluem num único relato intemporal.

O século XVIII viu declinar o poder da Sereníssima na sequência das guerras turco-venezianas e da consequente perda de Chipre, Cândia (Creta) e da Moreia. No entanto, Veneza continuou a brilhar do ponto de vista artístico, contando com diversos artistas de destaque, entre os quais Vivaldi na música, Goldoni no teatro, Tiepolo e Canaletto na pintura.

O Carnaval veneziano do século XVIII oferecia uma ampla gama de prazeres à população. Entre danças, espetáculos, jogos de azar e banquetes, toda a cidade se escondia atrás de sumptuosas máscaras e trajes ricamente decorados, saboreando durante algumas semanas uma ilusão de liberdade. Qualquer loucura era perdoável, a ponto de, durante a segunda metade do século, as execuções capitais na Praça de São Marcos chegarem a ser suspensas.

Dois Mouros ricamente vestidos acolhem o visitante, evocando os sumptuosos banquetes aristocráticos que se realizavam nos palácios históricos venezianos.

Os teatros venezianos levavam à cena representações ligadas à Commedia dell'Arte: trata-se de uma modalidade de teatro baseada na improvisação, na qual personagens fixas constroem as suas cenas apoiando-se em *canovacci* (guiões) ou *lazzi* (recursos cómicos).

As obras dialogam entre si como capítulos de um mesmo património cultural, evocando a grandeza da Sereníssima e o seu espírito cénico, indissociavelmente ligado ao Carnaval veneziano e à Commedia dell'Arte. Cada detalhe transporta o visitante para a Veneza do período carnavalesco, entre *calli* (ruas) animadas por máscaras e charlatães.

Contudo, quando a Sereníssima caiu sob o domínio de Napoleão em 1797, o Carnaval foi proibido por temor a atividades subversivas...

CORREDOR

“A nova época do Carnaval de Veneza”



Em 1797, Napoleão chegou a Veneza e aboliu o Carnaval. O exército francês e a administração subsequente impuseram um rígido regime de ocupação. A natureza caótica e subversiva do Carnaval — durante o qual as hierarquias sociais eram temporariamente anuladas e o povo podia gozar com os poderosos — era totalmente incompatível com a disciplina militar imposta por Bonaparte.

O Carnaval de Veneza viveu um verdadeiro renascimento entre 1979 e 1980, marcando o seu regresso oficial.

Em 1979, após quase dois séculos de esquecimento, a festa recomeçou espontaneamente graças à iniciativa de cidadãos venezianos, associações locais e estudantes que voltaram a mascarar-se e a dançar nos *campi* (praças) e nas *calli* (ruas) da cidade.

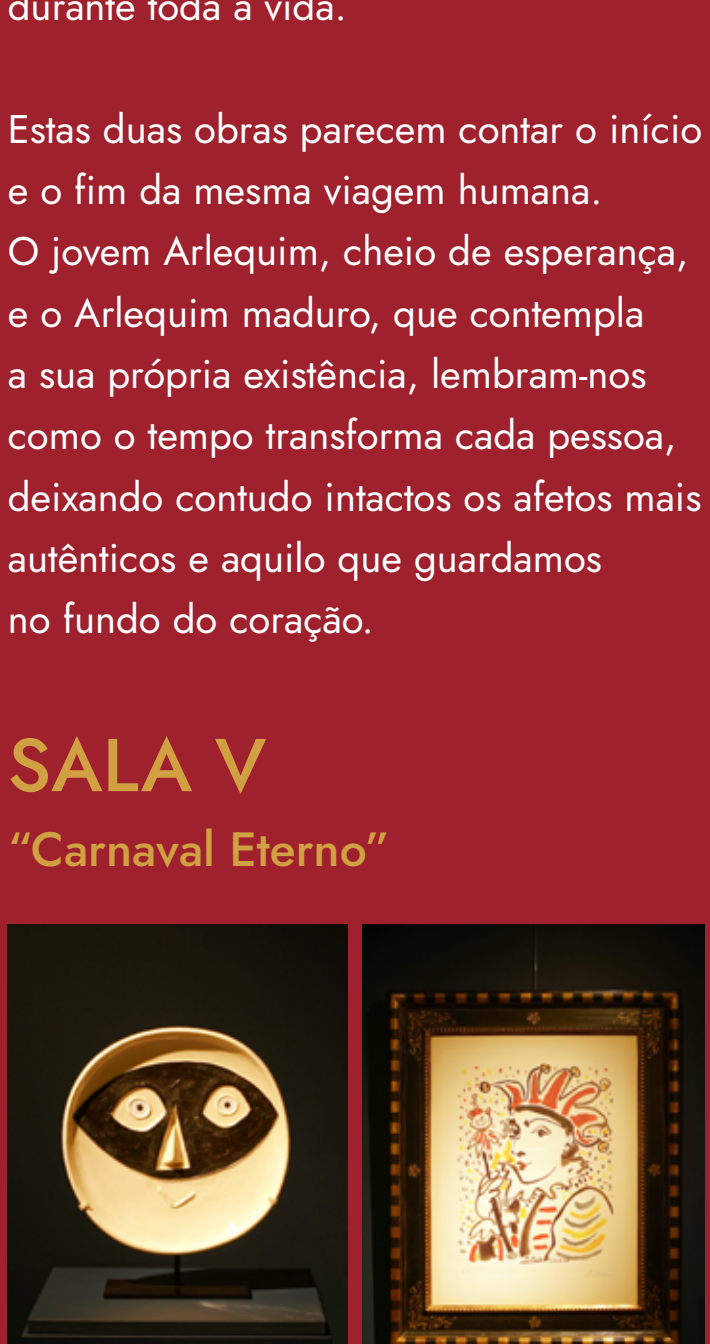
O verdadeiro impulso institucional e internacional ocorreu em 1980. O Município de Veneza, juntamente com a *Biennale Teatro* dirigida por Maurizio Scaparro, transformou o Carnaval num grande evento cultural e teatral (“O Carnaval do Teatro”).

As primeiríssimas edições do Carnaval moderno caracterizavam-se por um forte espírito popular e por fatos criativos “feitos em casa”. Com os anos 80 e 90, o evento evoluiu tornando-se a manifestação cenográfica e elegante de fama mundial que conhecemos hoje, com os seus sumptuosos trajes barrocos e do século XVIII.

Mas agora dirigimo-nos às Salas II, III, IV e V e descubramos como mudou o Carnaval de Veneza e de que modo continuou a influenciar, durante dois séculos, tantíssimos artistas famosos.

SALA II

“Grand Tour”



A segunda sala convida o visitante a entrar num mundo de elegância, harmonia e requinte, valores fundamentais da cultura artística europeia entre os séculos XVIII e XIX.

Do ponto de vista histórico, se o século XVIII foi o palco do lento declínio da Sereníssima, o século XIX foi o da sua queda definitiva. Por outro lado, foi precisamente neste período que a cidade redescobriu a sua identidade como capital da arte e da cultura. O advento do Grand Tour e a fundação da Academia de Belas Artes (*Accademia di Belle Arti*) atraíram escritores, pintores e músicos, fascinados pela atmosfera melancólica e romântica de Veneza.

Na época do barroco tardio e rococó, o vestuário desempenhava um papel principal na vida quotidiana da nobreza, mas também das classes populares. Os trajes deste período, confeccionados com tecidos como o algodão indiano, a seda ou o damasco, caracterizam-se por cores pastel, bordados florais, decorações em renda e fitas. O fato rococó aqui exposto dialoga com as pinturas que o rodeiam, permitindo comparar uma peça autêntica com a sua representação artística.

As obras pictóricas presentes nesta sala celebram a figura humana, representada com dignidade e graça, inserida no contexto evocativo do Carnaval veneziano, símbolo de uma teatralidade mediana e de uma sofisticada vida social. Ao lado das pinturas de Claudio Rinaldi e Henri Serrur, as obras decorativas em cerâmica de Geminiano Cozzi e o fato que pertenceu à dama da companhia das filhas do rei de França Luís XV chamam a atenção para o cuidado com o detalhe, a perfeição técnica e a harmonia das formas.

SALA III

“Veneza entre Sonho e Realidade”

O panorama artístico veneziano da primeira metade do século XX era particularmente vivo e dinâmico. A Bienal de Veneza, inaugurada em 1895, oferecia um espaço de encontro no qual confluíam correntes artísticas diversas: impressionismo, simbolismo, secessão vienense e, posteriormente, as vanguardas.

O Carnaval, após a proibição napoleónica, continuou a ser dirigido principalmente aos habitantes da cidade numa atmosfera mais sóbria e menos espetacular do que no passado. Apesar disso, Veneza era vista como um lugar sugestivo, romântico e melancólico, temas muito caros ao Simbolismo e ao Decadentismo, e manteve-se como um destino cobiçado por muitos visitantes estrangeiros.

A terceira sala acolhe o visitante numa atmosfera luminosa e refinada, onde a luz, a cor e a emoção se tornam protagonistas absolutos. Veneza surge como motivo central: canais, máscaras, festas e arquiteturas tornam-se ocasião para experimentações sobre reflexos, movimento e percepções visuais. Ao lado da pintura, a sala abriga requintadas esculturas de Luigi Fabris, nas quais figuras mascaradas, damas e cavaleiros dão vida a um universo suspenso entre a realidade e o sonho.

SALA IV

“A Belle Époque de Veneza”

A quarta sala transporta o visitante para a atmosfera sofisticada e luminosa das primeiras décadas do século XX, uma época marcada pelo desejo de modernidade, elegância e progresso.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial começou uma época radiante de enorme desenvolvimento económico e tecnológico: os “Loucos Anos Vinte”. A ligação cada vez mais estreita com os Estados Unidos catalisou um forte impulso em direção à modernidade nos países da Europa Ocidental: rapidamente se espalharam novas tecnologias como o automóvel, o cinema e o rádio. O gramofone teve um papel particularmente importante, pois contribuiu para aproximar muitas pessoas da música jazz e da dança.

Neste contexto, Veneza, e em especial o Lido, transformaram-se num destino turístico para as classes abastadas europeias. Visitantes de grandes posses hospedavam-se em estâncias balneares de luxo para desfrutar de um ambiente opulento e idílico e participar em festas sociais nos palácios e hotéis de estilo Art Nouveau (*Liberty*).

Na quarta sala, pinturas, esculturas e um dos símbolos da moda veneziana do período — o fato Delphos de Mariano Fortuny — dialogam entre si, evocando imagens da vida social, mascaradas e figuras femininas refinadas, emblemas de liberdade e fascínio. A sala convida a mergulhar num mundo elegante e teatral no qual arte, moda e design se fundem num estilo intemporal.

CORREDOR

“Jogo com a realidade”

Bem-vindos ao mundo da máscara.

Olhem-se no espelho e tentem sorrir, tal como fazem as máscaras de Eugenio Patarino.

Mas atenção: as máscaras de cerâmica são muito frágeis. Pedimos gentilmente que não lhes toquem.

CORREDOR

“Pequena Vida”

Neste espaço dialogam duas obras, separadas pelo tempo mas unidas pela mesma história. Diante de nós encontramos a escultura “Arlequim” da manufatura espanhola Lladró e a pintura de Ivan Puni “Arlequim triste”.

A escultura retrata um Arlequim ainda jovem. Está sentado à nossa frente e segura ao colo um pequeno gatinho. O seu olhar é aberto, cheio de esperança e de confiança no futuro. Diante dele abre-se toda a vida: novas experiências, encontros e sonhos. É a imagem da juventude, da inocência e da expectativa do que a vida lhe saberá dar.

Em frente, por outro lado, vemos outro Arlequim: aquele pintado por Ivan Puni. Forçado a deixar a Rússia e a emigrar para França, nos últimos anos da sua vida o artista começou a dedicar-se cada vez mais frequentemente à figura do Arlequim triste. Nesta obra, o protagonista está sentado de costas, quase virando as costas ao mundo. Já percorreu a sua existência, com as suas alegrias e desilusões, e a sua postura transmite melancolia, silêncio e reflexão.

Contudo, no seu colo, continua sentado o mesmo pequeno gato: símbolos da fidelidade, da memória e daquele calor interior que acompanha o ser humano durante toda a vida.

Estas duas obras parecem contar o início e o fim da mesma viagem humana. O jovem Arlequim, cheio de esperança, é o Arlequim maduro, que contempla a sua própria existência, lembrando-nos como o tempo transforma cada pessoa, deixando contudo intactos os afetos mais autênticos e aquilo que guardamos no fundo do coração.

SALA V

“Carnaval Eterno”

A quinta sala conta como o Carnaval, embora estando em parte suspenso e desaparecido da vida quotidiana deste período histórico, continuou a viver no imaginário dos artistas inovadores do século XX.

Quando a festa se cala e as ruas se esvaziam, a máscara não desaparece: transfere-se para o espaço da arte. As figuras da Commedia dell'Arte — Arlequim, Pulcinella, Pierrot — reaparecem como poderosos símbolos de liberdade, metamorfose e resistência interior nas obras de Pablo Picasso, Jean Cocteau e Gino Severini.

Privadas do seu contexto festivo original, estas máscaras assumem novos significados, tornando-se espelho da alma humana e veículos de ironia, melancolia, crítica social e sonho.

Nesta sala, o Carnaval já não é uma celebração coletiva, mas um ato íntimo e criativo. Através de linguagens artísticas modernas e experimentais, os artistas reinterpretam uma tradição que parecia terminada, demonstrando como a arte é capaz de conservar, transformar e projetar no futuro.

Fondamenta Zattere al Ponte Lungo 1387
30123 Venezia

+39 339 575 7693

info@venicecarnivalmuseum.com

www.venicecarnivalmuseum.com

@venicecarnivalmuseum

Instagram Facebook YouTube